

UM PLANO DE ENSINO PARA ARTES: A CAOSMOSEDUCAÇÃO

NICOLAY, Deniz Alcione¹

Resumo: Esse texto trata das metamorfoses da criação estética na Educação. Reflete sobre os conflitos morais e a imaginação do artista. Utiliza a noção de caos da Filosofia da Diferença para contrapor o sentido usual do conceito. Por isso, destaca as possibilidades de composição geradas a partir do entrelaçamento entre a Arte, a Filosofia e a Educação. O caos, nessa relação, é a potência imagética da produção desejante. E, como potência imagética, traça coordenadas tanto afirmativas quanto negativas, dependendo do estado de ânimo e paixão daquele que cria. Assim, insere-se no movimento perspectivista nietzschiano e, com isso, pensa num plano no ensino de Artes que o chama de *Caosmoeducação*.

Palavras-chave: Caos. Pensamento. Conceito. Perspectiva.

Abstract: This text deals with the metamorphosis of aesthetic creation in the Education. Reflects on the moral conflicts and the artist's imagination. Uses the notion of chaos in the Philosophy of Difference to counteract the usual sense of the concept. Therefore, it highlights the possibilities of composition generated from the entanglement between the Art, Philosophy and Education. The chaos in this respect, is the power of imagery desiring production. And as power imagery, maps coordinates both affirmative and negative, depending on the mood and passion that it creates. Thus, the move is part of Nietzschean perspective and, therefore, think of a plan of Arts in teaching that calls *Caosmoeducação*.

Keywords: Chaos. Thought. Concept. Perspective.

Introdução

Temos medo das sombras que, no vazio da noite, insistem em deformar a modesta silhueta de um andarilho. Mesmo que a impotência visível de tal figura nos provoque constrangimento à luz do dia. Ainda assim, na noite, as camadas que circulam sobre seu corpo são capazes de nos provocar uma vertigem incontrolável. Aquilo que é evidente na figura corpórea passa para o universo-outro da sombra, cujo instante da existência é precipitado no silêncio das plantas, das casas e das calçadas.

¹ Doutor em Educação pelo PPGED/UFRGS. Professor adjunto I da área de Fundamentos da Educação na UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul), Campus Cerro Largo RS.

Todas as formas perdem sua realidade aparente quando uma força de variabilidade infinita tolhe a consciência do indivíduo. Desse modo, nossos olhos fecham para o espaço e o tempo, pois, até então, eles são determinados pela estagnação do real. É o momento em que desconhecemos o limite entre o ser e o nada, pois o sangue que latejanas veias invade nossa percepção do presente, fazendo da imaginação muito mais do que uma mera reação dos sentidos, mas o próprio abismo da existência. Dessa forma, abertos para o inaudito, o imprevisível, o disforme, procuramos tatear, na escuridão, uma única razão para permanecermos entre os humanos cristãos-ocidentais-civilizados. Pedimos, então, que nossa mente resolva, substancialmente, o terrível problema das ilusões que, ora desaparecem na constância do pensamento e das ideias, ora aparecem como pseudoverdades da natureza. Agora, já engendramos a figura monstruosa, que é capaz de nos aniquilar numa fração de segundos e acabar com o sossego de uma vida inteira. Vida que é voltada para a retidão do espírito. Em vão, queremos reencontrar a máscara que abandonamos no caminho da ordem e da obediência, a sensibilidade de uma *doxa* tardia, uma corrente de ar que possa aliviar o pânico de estar só e, assim, restaurar a visão, embaçada pela proximidade incessante de mortos que reivindicam a vida. Porque no horizonte infinito do Não-Ser, zonas de indiscernibilidade volatilizam entidades incorpóreas, para cima e para baixo, como forças inorgânicas potenciais, capazes de dissolver a imagem primeira de qualquer plano de composição. Uma linha tênue, portanto, separa o homem de sua sombra. Sombra que é dele (sem o ser) que se desfaz e se refaz nas vielas solitárias do destino, que personifica o próprio lado diabólico da luz, que penetra o interior e o exterior de velhas torres retangulares, a quem os sinos ainda respondem pelo arripio das doze badaladas. Na escuridão, não vemos ninguém. Tememos, apenas, os outros que estão em nós e procuramos aprender, com as lições do caos, a difícil arte de desconhecer os limites para externar a dor.

Caos e plano de composição (como metodologia)

Porém, todo sofrimento, todo esgotamento físico, toda fraqueza da alma costuma recompensar aqueles que se aventuram por entre as sendas, porosas e inconstantes, dessa energia voraz que nos consome a todo instante. E um dia, definitivamente, ela há de nos abraçar como um filho pródigo que volta ao lar. Contudo, muito antes disso, devemos honrar nossa cota de humanidade e fugir do

reinado da opinião, que sob a falsa promessa de proteção ao corpo e ao espírito nos legou algumas das mais odiosas algemas psíquicas que a civilização já conheceu: Platonismo, Cristianismo, Humanismo, Modernidade... Como sempre, a grande massa ordenada entra em luta contra as forças degenerativas do caos. Ela procura cercar seus caminhos de manifestação (a Ciência, a Arte e a Filosofia) para instaurar modelos de objetividade e subjetividade, absurdamente sociáveis e palatáveis para a figura de uma *Urdoxa* secular, ou seja, como negação da criação. Valendo-se, inclusive, da mesma matéria caótica como signo de liberdade e de igualdade para, com isso, minar os elementos diferenciais do conceito e, assim, torná-lo um artifício do universo simbólico que postula a identidade e a analogia como verdades perenes da filosofia. Na entanto, "Um conceito é, pois, um estado caótico por excelência; remete a um caos tornado consistente, tornado Pensamento, cosmos mental." (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.267). Ou seja, todo conceito partilha de certa generalização, obedecendo ao seu próprio plano de consistência e, portanto, isso faz de seus elementos atributos inseparáveis da superfície que o põs em movimento. A mesma matéria, que fornece densidade para a existência do conceito, produz uma espécie de negação da potência (atividade do caos por excelência). Essa atividade está incumbida de provocar a degenerescência do pensamento na própria opinião. Persistir no decalque do conceito é como emitir um juízo moral acerca do homem e da sua realidade, pois sua única sustentação são ideias correntes, vazias de sentido e pobres em afecção. Por isso, a energia vital que brota desse mistério sublime, dessa força criadora, dessa sensação de eternidade, traz em seu bojo uma rufada de sons desordenados. São vozes que, diferentemente do *Daimon* de Sócrates, clamam das entranhas da terra por um corte certo e preciso, uma pincelada que abdique da contemplação para os efeitos da criação. Talvez próximas das *Pitonisas* de Apolo que, na harmonia do som e do ritmo, proferem ao consulente a sentença oracular. Embora as forças do caos estejam muito mais próximas dos ditirambos dionisíacos do que da melodia dos peãs apolíneos.

Nesse sentido, a matéria do caos (sua força sensitiva, geradora e destruidora) exerce nos humildes mortais um clima de fascínio e esperança. Fascínio por seu mistério intrínseco, por sua maleabilidade infinita, por sua violência natural, capaz de reduzir a mais brilhante das mentes numa grande ruína universal de farrapos humanos. Esperança pela efervescência criadora, que atua como uma substância *in natura*, pura e livre de qualquer juízo moral, responsável pelos cortes, no tempo

presente, para a evocação de um estado de dobra, de torção e escalonamento, abrindo-se para o tempo porvir. Nada nos parece estranho em entender que: “A ciência daria toda a unidade racional à qual aspira, por um pedacinho do caos que pudesse explorar.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.264). Ora, ao mesmo tempo em que lutamos contra a deformação, provocada pela intensa velocidade caótica, abjuramos das ideias-modelo para mergulhar numa caverna oceânica que, escondida sob a égide de *Eu, Consciência, Sujeito* acaba servindo apenas para decretar o *continuum* da repetição clássica. No entanto, voltamos do líquido subterrâneo com o corpo marcado por densas estrias, já que elas permanecerão como estados caóticos da matéria, provocações no caminho da criação estética. Precisamos sempre emergir, pois os riscos de pulverização são evidentes quando demoramos nas oscilações das ondas. É como a aurora do dia quando, ao nascer, carrega consigo todos os vestígios da noite, especialmente àqueles que, nos primeiros fios de sol, dissolvem-se na paisagem. Somos vestígios de carne, osso, pensamento e ideias, procurando uma passagem pelo deserto das opiniões, uma ilha para poder atracar nossos anseios de racionalidade e, quem sabe, rasgar o eterno para compor uma nova obra. Eis o fim do caos (anticaos) e o começo da composição.

Essa luta perene entre o caos e o pensamento provoca o deslocamento dos valores humanos, uma vez que esses cobrem o plano de composição em toda sua extensão e significação. Sem os pilares que sustentam os procedimentos lógicos de operação mental, o indivíduo é movido para a possibilidade de criar novas ordenadas intensivas a fim de canalizar o fluxo constante das ideias. Pensar, nesse caso, é extrair do abismo indiferenciado variações caóticas que, instantaneamente, entram em choque com os modelos convencionais da *doxa* operante. Isso provoca uma espécie de reação em cadeia entre os filamentos neuroniais, em tal velocidade que, ao raciocínio, não resta outra opção que não seja criar um novo plano. Na tradição do discurso heraclítico (*o logos* manifesto), cuja expressão tem por sentença a máxima de que: “Nas correntes dos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.” (SCHÜLLER, 2001, p.135). Essa forma de pensar (com o caos como matéria) é a própria contracorrente do rio. Aliás, análogo aos aforismos do pensador dos contrários, assim é o dramático embate entre o caos e o pensamento. É sempre um *contra*, portanto, que estende o plano, revitaliza os conceitos e penetra nas sinapses cerebrais para fazê-las produzir múltiplos sentidos sobre a superfície da matéria. Talvez nos sintamos tocados pela potência “da vida inorgânica das coisas”

(DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.173), por sua ameaça constante de dissolução que, ora nos acena do infinito como Fênix renascida das cinzas, ora nos absorve como um tornado incontrollável, movendo trombas d’água no marulho oceânico.

Entretanto, assumir os riscos da dissolução absoluta é algo pouco provável entre os indivíduos que vivem no império da opinião (*doxa*). Pois coibir as atividades caósmicas por meio da repetição de fórmulas prontas e acabadas convém aos desprezadores do corpo, àqueles que, segundo Nietzsche (1986, p.51), se escondem sob a figura do Eu passional, crente da distância entre corpo e alma. Ou seja, menosprezam os instintos vitais em nome da tradição metafísica, deslocada dos interesses da vida e da terra. A Terra, matéria elementar da composição, extensão do corpo em permanente mudança, também quer servir de amálgama ao pensamento. Ela quer ser o território desterritorializante do plano de consistência; dessa forma, se movimentando para demarcar os contornos da criação. Para isso, para encharcarmo-nos de caos e das energias terrestres devemos, sobretudo, *sentir*. Constituir-se como um bloco de sensações em potencial, perceber o espaço e o tempo como instantes do mesmo acontecimento, rasgar a névoa platônica que protegeu, por séculos, a nudez das ideias, torná-las uma *contempla-ção*. Porque pensar é uma função orgânica de corpo inteiro, diferentemente do que nos ensinou, por exemplo, a raiz do cartesianismo ocidental. É com o corpo que sentimos o frio, o calor, as vibrações de uma paixão e com ele, também, somos trespassados pelas setas que pulsam dos abismos do *des-conhecimento*. Por sinal, quando estamos na beira do abismo, somos forçados pelo medo dessa dissolução absoluta (neste caso, a própria morte) a encontrar uma forma de decifrar o sentido de nossa existência ou o que fizemos dela até o instante. Sentimos que a vida, em sua mais pura força de expressão, pulsa para além do abismo, para além da morte, quando reafirmamos sua potência de imaginação e seu desejo de criar.

Assim, para entrarmos vivos no caos e dele sairmos ilesos, mas carregando um pedaço do infinito e de suas cores (pois o negro é apenas uma borda, uma espécie de margem original que se transubstancia em muitos outros tons quando a matéria caóide entra em processo de devir), precisamos vencer o medo do desconhecido (*ananqué* para os gregos); ouvir, com ouvidos novos, uma música nova (das entranhas da terra); despirmo-nos de todos os valores que edificaram o corpo e o espírito como entidades distantes da vida presente. Porque no caos não existe nenhuma barreira, nenhum limite entre vida e pensamento. Aliás, quando do

seu contato, uma vontade incontável percorre nosso ser, forçando-o a superar qualquer distância interposta pela razão. Agora, já atravessamos o Aqueronte, mais um passo e penetramos no limiar das palavras, cujo sentido é apenas uma presença vulgar, como a lua, noctâmbula e ingênua, vaga pelo céu de outono.

Uma caosmose no ensino de Artes (como discussão)

Aproximar o caos do ensino de Artes, e vice-versa, parece uma tarefa simples, caso consideremos as trágicas relações que as políticas públicas mantêm com a funcionalidade das escolas. Por certo, já ouvimos em nossas conversas de corredor de escola, a expressão que define uma espécie de abalo sísmico na educação: “É o caos, está um caos!”. Isso significa que, efetivamente, acabamos por chegar ao fim do caminho. Nenhuma possibilidade de mudança pode brotar de uma terra árdua e improdutiva. O caos, nesse caso, representa o lado negativo da crise, a desorganização do sistema vigente, a feiura das boas ações que se oferecem num cenário comum de convivências (pessoais, profissionais, formativas). Por outro lado, talvez tenhamos uma grande dificuldade em aproximar, de maneira positiva e substancial, duas expressões que originalmente se excluem como potências antinômicas da ação. Parece que estamos a tratar de dois universos, em dois planos de pensamento totalmente distintos, a começar pela posição que ocupam na genealogia das Ciências Humanas. Enquanto uma está imbuída de valores metafísicos, já que representa a própria inspiração divina no planeta, o caminho da instrução como condição de similitude com Deus; a outra traz a herança da cadeia mitológica, dos poetas, dos trágicos e dos heróis, condenada pelo reinado da razão a habitar os subterrâneos da civilização. Ela se apresenta como uma potência diabólica, capaz de fazer ruir qualquer estrutura que se sustente sob a árvore logocêntrica do conhecimento. Tratar de caos + ensino de Artes faz com que possamos aproximar os problemas do universo estético-ético das pragmáticas de sala de aula com níveis de realização profissional. Aliás, temos aqui uma espécie de microcaos, um espaço em que toda a parafernália do palavrório pedagógico vem habitar. Quando uma turba inquieta de infantes resolve dar cabo da paciência de um pacato professor, então sentimos na pele as agonias que o caos, tão presente, pode nos provocar. Ele gera, nesse caso, insegurança, morbidez do olhar que procura imobilizar o menor gesto que seja, a fim de que o silêncio absoluto abra espaço para

a interlocução da matéria. Mesmo assim, o cochicho funciona como um formigamento do instante, paralelo aos minutos de silêncio, pois em pouco tempo o alvoroço fermentará, novamente, as máquinas do desejo para uma revolução da norma e, assim, sucessivamente.

Mas não é esse tipo de problema que nos interessa, nem essa modalidade de caos que referimos aqui, tampouco o dualismo formal em que as duas expressões estão inseridas (caos + ensino de Artes). Aliás, é a própria noção de problema que merece uma nova interpretação. Na terminologia bergsoniana, “um problema deve estar próximo da criação, da invenção.” (DELEUZE, 1999, p.09), já que da maneira como o entendemos (na educação), ele remete apenas ao conjunto padronizado de perguntas e respostas. Temos o velho hábito de encontrar sempre as mesmas soluções para os mesmos problemas (os mesmos problemas que nos acompanham há décadas). Se colocarmos a noção de caos como um problema é para ferir um novo ângulo na sua efetuação. É para dissolver as conveniências, os modismos, a hipocrisia diária da sala de aula, a regularidade das pragmáticas e dos saberes estabelecidos. Nesse sentido, essa noção entra num processo de “endosse” (DELEUZE, 1999, p.18). Ela não apenas absorve o campo de significados ao seu redor, como faz proliferar, em seu interior, mecanismos a-significantes. Ou seja, as forças do caos inibem qualquer possibilidade de que venhamos venerar um estado temporário do pensamento como forma ideal de manifestação das ideias. Ora, o caos persegue essa forma ideal para instigar sua ilusão aparente, sua porosidade frente ao ácido corrosivo das caóides. Para isso, ele emprega uma atmosfera de velocidade infinita ao pensamento, uma força vital em potencial, capaz de reanimar as saliências corpusculares do conceito (a afirmação da negação) para relançá-las sobre outro plano de composição.

Poderíamos chamar esse plano de *Caosmoeducação*, embora conserve a marca dos elementos primordiais que lhe deram origem, ele não reconhecerá mais nenhum território fixo de produtividade, nenhuma finalidade pela qual tenhamos que orientar nosso percurso. Trata-se de uma recusa absoluta dos modelos lógicos de manifestação do pensamento, como se houvesse um encaixe pré-definido para cada sinapse cerebral. Análogo a um plano autopoietico (Cf. GUATTARI, 1992, p.73), sem regularidade discursiva ou coesão entre os enunciados, assim são as ordenadas intensivas da *Caosmoeducação*. Elas operam um descentramento do núcleo principal de significados, a fim de distribuir e liberar um conjunto de enunciados que,

normalmente, se mantém recalcados no indivíduo. Pois tanto o indivíduo quanto sua produção discursiva são submetidos ao movimento perspectivista, intensificando a potencialidade positiva da linguagem. Esta, por sua vez, multiplica-se como filamentos nervosos da matéria corporal, manifestando a variabilidade de composição das formas de conteúdo e expressão. Por isso: “O caos ao invés de ser um fator de dissolução absoluta da complexidade, torna-se o portador virtual de uma complexificação infinita.” (GUATTARI, 1992, p. 78). É essa complexidade infinita que anima as vertigens criativas do plano, quer seja de natureza ética-estética, quer seja das zonas indiscerníveis de subjetivação. Porque nada permanece como elemento autossustentável, linear ou regular, quando vozes (derivadas incorporais) deslocam o *Eu* convencional da gramática. Não é aleatório que tenhamos medo do abismo. Ele nos desola por sua vastidão e incompletude. No entanto, nos serve de alento, de consolo em saber que ele, o abismo, também é apenas uma interpretação.

Por isso, nos aproximamos do perspectivismo, de raiz nietzschiana, como uma espécie de método de abordagem, como uma mola propulsora das relações conceituais, tecidas no corpo desse texto. Mas é claro, pervertendo o sentido da expressão *methodosque*, na linguagem convencional, designa o sentido do caminho para atingir um fim, o conjunto das ações necessárias para se chegar aos objetivos, propostos em determinado período. Contudo, o perspectivismo é um a-método, com múltiplas trajetórias sem finalidades definidas de antemão, pois não existe previsão no livre percurso das forças que se apoderam do conceito. Utilizamos, assim, uma única prova para pôr os instrumentos de pesquisa a bailar: “Prova do *prazer* (“da força”) como *criterium* de verdade.” (NIETZSCHE, 2000, p.46). Verdade que se faz no instante em que se escreve, porque partilha de elementos singulares na esteira da sua significação. Aquele que interpreta pode, por um momento, sentir-se tocado por determinadas palavras de determinado texto; num outro momento, por outras. Mais adiante ainda, encontra uma nova perspectiva que o impulsiona a reescrever todo o texto. Dessa forma, ocorre a energia das afecções que nos possibilitam visualizar uma porta de entrada (e também de saída) dos confins da arte de interpretar. Embora, seja ingenuidade acreditar que uma única interpretação poderá nos trazer a certeza do conhecimento. Não há interpretação justa, nem um único sentido pelo qual devemos guiar nossos esforços de aduladores da verdade. A própria vida implica uma variabilidade infinita de perspectivas. Todas elas marcam

situações particulares em que o corpo aumenta ou diminui sua vontade de *sentir o instante*.

E, para sentir o instante, é preciso partilhar de certa habilidade em escalar picos escarpados, em saltitar pelo fogo do magma ainda flamejante, em afirmar o acaso diante da premente necessidade (NIETZSCHE, 1986). Pois um universo desconhecido se esconde por detrás daquilo que acreditamos sustentar os pilares do conhecimento. Nossa infalível memória, nesse caso, não nos servirá para nada, já que ela carrega os clichês enraizados da cultura de domesticação, contendo nossa animalidade tardia. Não se podem enunciar leis sobre a anarquia coroada do mundo, uma vez que nada dura para sempre e nem possui uma única fórmula definida. Agora, frente ao informe, desorganizado, heterogêneo do conhecimento (já que estamos muito distantes da racionalidade), devemos apelar para nossas energias instintivas, para o embate expressivo das forças dominantes em relação às forças dominadas. É nessa disputa que o perspectivismo, em Nietzsche, partilha de certa agonia de movimento e ação. Ora, o instinto é a própria força motriz de um dos principais conceitos do filósofo. Esse conceito é um elemento diferencial que se aproxima da vida com a graça de uma musa apolínea e, ao mesmo tempo, com a leviandade de uma máscara dionisiaca. Ou seja, trata-se da Vontade de Potência. Mas ela só será possível se nos despirmos de qualquer juízo de valor, a fim de deixarmos livre trânsito para a circulação de devires. Esses devires determinam grau de afetação a que o indivíduo estará exposto. Nesse sentido: “Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo, e quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa (...) tanto mais completo será nosso conceito dela, nossa ‘objetividade’” (NIETZSCHE, 1998, p.109). Assim, o conhecimento da realidade fenomenal é deixado num segundo plano em nome de uma relação que constrói o sentido na materialidade dos corpos. Para aqueles que criam, não interessa reproduzir, muito menos se debruçar sobre a *coisa em si*, mas produzir infinitamente o movimento do real.

Trata-se de um movimento sintomático, na medida em que reage aos devires conceituais em circulação pelo plano de composição. São as vibrações do conceito (e de um conceito para outro) que forçam uma posição, um ponto de referência entre o pensamento e as formas de interpretação. Ainda que essa modalidade de deslocamento ocorra como o produto de uma heterogênesse (cf. DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.32). Ou seja, como uma espécie de co-presença

dos componentes que atuam (no interior e no exterior) de um conceito. Mesmo assim, o pensamento procede por pequenos abalos do instante, porém vigorosos em velocidade. Por isso, invocar forças ativas torna-se uma necessidade incondicional, quando dependemos de certo nível de saúde das ideias para relançar a flecha de Zenão. Somente com um faro apropriado para sentir a debilidade das forças em questão, para interpretar seu teor de efetuação nos corpos e, sobretudo, para relacioná-las com uma vontade afirmativa ou negativa é que estabeleceríamos um novo plano. Talvez mais saudável porque impróprio aos mecanismos da razão. Ele procederia, então, como uma sintomatologia¹ em direção ao limiar entre vida e pensamento, uma vez que passaria pelo crivo da análise apenas aquilo que intensifica uma relação positiva com o conhecimento. Porque o elemento negativo, além de diminuir a variabilidade das interpretações, não se presta como musa que provoca paixões. Ele é seco, estéril. Mas também na sua negatividade encontramos uma espécie de fundo-falso que, a todo caso, nos serve de simulacro contra as ideias prontas e o engessamento das opiniões.

A perspectiva dos *Koans*

Entretanto, a perspectiva que elegemos não carece de nenhum simulacro de interpretação. Ela é tão real quanto às plantas, as flores, os insetos, pois exterioriza uma medida precisa de enunciados, uma certeza profunda e imanente em relação ao homem e seu mundo, um timbre adaptado de tom e voz. Faz parte de todos os elementos que nos cercam, sem provocar o ego do humilde aprendiz ou louvar o mestre como uma instância superior da sabedoria. É na perspectiva dos *Koans*ⁱⁱ que des-orientamos uma *Caosmoeducação* para pôr fim aos modelos convencionais das pragmáticas pedagógicas, concebidas como ideias irretocáveis, cristalizadas no pensar educacional. Um *Koan* supõe uma aproximação fundamental com a raiz primeva da expressão *en-signo*, como aquilo que emite signos para serem decifrados no instante em que a linguagem elabora o pensamento. De modo que este retenha a voz, pois um gesto imediato diz mais do que a verbosidade livresca ou do que a enfadonha retórica das Ciências da Educação. Quando o discípulo é trespassado pela seta do arqueiro Zen, ele sente-se enobrecido pelo desafio de superar-se a cada instante, de fornecer uma resposta viva e autêntica ao problema que lhe desafia sem cessar. Tocado pelo dilema do mestre, o discípulo deixa de existir para

si mesmo e passa a viver o problema como única condição de aceitação dos degraus superiores da instrução. Às vezes uma simples frase, ilógica e risível, pode se transformar em horas e horas de meditação, cuja finalidade é exercitar a mente para os desafios, para as vicissitudes e alegrias inerentes à vida. Nesse sentido: “Estudar o *Koan* é aprender a não se deixar deter por ele e a não hesitar na presença de uma dificuldade que é apenas ilusória.” (SILVA; HOMENKO, 1988, p.237). A resposta ao enigma pode ser evidente, pode estar na nossa frente, porém o egoísmo cotidiano nos inibe de olhar para além do sentido aparente e o que vemos é apenas a superfície do véu, que cobre aquilo que chamamos de consciência. Porque negar o Eu, o Ego é um exercício de desprendimento provocado, sobretudo, pelo choque imposto ao *Koan*. Sua força de dissolução nos impede de prescrevermos planos para obter resultados objetivos. Seu efeito nos desloca da posição de julgadores da realidade para um estado perceptivo de liberação das energias instintivas. Mas um risco evidente nesse conluio é levar a mente ao grau máximo de confusão, de alienação mental e, com isso, não retornarmos do caos em que o problema se embebeu. Ainda existe um ângulo do olhar, aquele mais apropriado ao discípulo, embora como um panóptico ele percorra outros caminhos, outras perspectivas, a fim de resolver o seu *Koan*. Descobrir o caminho de um Não-Eu, chegar à vacuidade da existência, abdicar da realidade aparente, são funções da perspectiva dos *Koans na Caosmoeducação*.

Ao assumir tal perspectiva, portanto, refutamos qualquer critério lógico de compreensão do pensamento, qualquer enquadramento aplicado ao protocolo de causa ou consequência, pois o conhecimento deixa sua bagagem de clichês históricos e passa a ser uma instância neutra de produção de significados. Talvez com uma das filhas mais ilustres do caos, a Arte, possamos reapreender a criar novos estilos de vida, novas condições de existência, sem o peso dos preconceitos morais e, principalmente, da repetição exaustiva de modelos (da Ciência, do homem e do mundo). Um *Koan*, quando bem lapidado, também é uma obra de arte, seu poder transfigurador daquilo que entendemos por verdade é como o traço infinito do pintor que corta o caos. Ele deixa uma marca no branco da tela, uma fenda, onde o caos assume tons multicores. Mas na *Caosmoeducação*, as cores em demasia podem confundir-se com a vitalidade dos elementos do mundo orgânico, porque um *koan* absorve a sincronia dos movimentos da natureza e os redistribui pelo plano de composição.

Considerações finais

Por isso, algumas expressões corriqueiras no vernáculo da educação (como: aprender, ensinar, resolver, pensar...) são postas de cabeça para baixo a fim de reencontrar o próprio sentido da Terra. Nas palavras do filósofo: “Tem-se de aprender a *ver*, tem-se de aprender a *pensar*, tem-se de aprender a *falar e escrever*: o alvo em todas as três é uma cultura nobre.” (NIETZSCHE, 2000, p.63). Ora, trata-se de uma cultura que avalia a própria vida como dimensão máxima de qualquer valor existente, que quer elevá-la como Vontade de Potência para, assim, afirmar o retorno afirmativo das forças. Se a vida é o motor indissociável do pensamento nietzschiano, na perspectiva dos koans é geradora de um intuicionismo fundamental, que procura no ambiente as respostas para os enigmas que nos atravessam todos os dias. É essa perspectiva que nosso plano da *Caosmoeducação* assume. Porém, sem comprometer-se com qualquer apologia da existência ou ideia que pareça como redentora da humanidade. Antes de tudo, o que determina os movimentos desse texto é o deslindar de sua interpretação.

Notas explicativas:

ⁱ Juntamente com a Tipologia e com a Genealogia é uma das três formas de recriar uma verdadeira Ciência ativa. Cf. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976, p.62.

ⁱⁱ Um **koan** é uma narrativa, diálogo, questão ou afirmação no Zen-Budismo que contém aspectos que são inacessíveis à razão. O koan tem como objetivo propiciar a iluminação do aspirante a zen-budista. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Koan>, acesso em 02/07/2012.



Referências:

- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose. Um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos (ou como filosofar com o martelo)**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHÜLER, Donald. **Heráclito e seu (dis) curso**. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- SILVA, Georges; HOMENKO, Rita. **Budismo-Psicologia do autoconhecimento (o caminho da correta compreensão)**. São Paulo: Pensamento, 1988.